

DESENVOLVIMENTO E INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA: INDECISÃO VOCACIONAL COMPLEXA

**Brito, Silvio
Sánchez Herrera, Susana
Gómez Acuña, M
Ruíz Fernández, M^a.I**

RESUMO

O estudo da indecisão vocacional permite ao ser humano o domínio de si mesmo sobre os seus receios e as suas dúvidas com o intuito de melhorar a sua saúde mental e, no caso deste estudo, a saúde mental profissional e o seu desenvolvimento vocacional. Durante muitos anos fizeram-se estudos que foram acrescentando cada vez mais elementos. Verificamos que depende do diagnóstico de eventuais bloqueios e de elementos da nossa personalidade o superar a indecisão vocacional e a sua complexidade. Fizemos por isso um estudo com o objectivo de detectar as diferenças entre os alunos em tomar decisões acerca da sua carreira escolar, e as decisões acerca da mesma caracterizando os seus factores e as suas fontes. Escolhemos para isso uma amostra de alunos de um departamento de uma escola de ensino superior de gestão em Portugal, aplicando como instrumentos o questionário sobre indecisão vocacional complexa (I.V. C.) e o SPSS. Verificando as hipóteses concluímos que os sujeitos observados neste trabalho correspondem às expectativas geradas pelos objectivos gerais e específicos da investigação em causa e que devemos procurar aprofundar esta temática a outras áreas do conhecimento para os sujeitos poderem decidir cada vez melhor e gerir com mais qualidade as suas vidas pessoal e profissional.

PALAVRAS-CHAVE: Indecisão vocacional, complexidade, bloqueios, personalidade, vocação, competências.

INTRODUÇÃO

No momento de se tomar qualquer decisão, e se existe uma vontade pessoal e implícita de assegurar o futuro, qualquer pessoa experimenta dúvidas e receios sobre o que poderá advir com esse comportamento. Quotidianamente encontramos situações análogas dado que temos de decidir sobre as oportunidades, alternativas, e opções de vida que afectam a carreira do sujeito, nomeadamente nas fases de educação e formação, e de entrada na vida profissional, onde este começa a testar os requisitos da sua carreira profissional, ou seja, os seus talentos, motivações, e valores do mundo do trabalho, e que afectam directamente os seus estudos ou outras possibilidades de desenvolvimento vocacional e profissional.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A **indecisão vocacional** é uma problemática que, entretanto estudada deixa muitas interrogações e abre as portas a novos campos de estudo nomeadamente dentro da saúde mental das profissões e da mudança dentro das organizações. É considerada como o **antónimo** das decisões, comprometendo o sujeito na sua eleição vocacional e o desenvolvimento da carreira. Os primeiros estudos desenvolveram-se com *Williamson* em 1937-39, tendo abordado as condições decisionais dos alunos universitários, tendo demonstrado que não existiam diferenças entre sujeitos decididos e indecisos quanto à sua carreira. Mais tarde *Hecklinger* (1972) verificou que os sujeitos indecisos tinham baixa satisfação universitária, e *Lunnenborg* (1976) observou que os sujeitos indecisos alcançam menos metas que os decididos, e até este momento a indecisão parecia apenas uma mera problemática de ausência de decisão. Porém, outro autor (*Orlofsky*, 1978) deduziu que as mulheres indecisas apresentavam conflitos sexuais e de medo face ao êxito, no que estudos de *Astin* (1977) e *Foote* (1980) reforçaram, embora tivessem estudado homens e mulheres, e puderam verificar que os indecisos apresentavam níveis de esgotamento mais elevados que os sujeitos decididos. Com *Slaney, Stafford, & Russell*, (1981) aproveitando os dois estudos referidos anteriormente, as mulheres indecisas tinham alta ansiedade e baixa autoconfiança. Na medida em que os estudos evoluíram verificou-se que a indecisão era um fenómeno mais complexo do que se poderia deduzir, e essa complexidade se relacionava com estados emocionais e de aprendizagem nomeadamente ao nível das habilidades sociais. Com estudos de *Taylor & Betz* (1983) verifica-se que a indecisão se prende igualmente com as competências a adquirir e com as vocações reveladas ao longo da vida, verificando que os sujeitos indecisos detinham expectativas mais baixas perante uma tomada de decisão. Mas é com *Rubin* (1985) que se faz uma descoberta significativa e este demonstrou que os indecisos são os que não conseguem identificar e compreender bloqueios decisionais, e são estes o principal factor impeditivo da decisão. Entretanto estudo de *O'Hara & Beutell* (1987) puderam observar que os indecisos tinham mais um indicador que se revelava no assumir papéis de conduta temerosa,

portanto, menos propensos ao risco, chegando *Cali* (1988) a verificar que os indecisos tinham ideias mais irracionais, ou fora da lógica do contexto onde se inseriam. Mas provavelmente as maiores descobertas devem-se a dois investigadores, *Arbeo* (1997) que seguiu o estudo anterior e verificou que os indecisos manifestavam maior dependência, mas fez crítica por considerar esse estudo incompleto, e *Rivas* (1997) que comprovou que o sujeito para decidir deverá possuir um estado de maturidade para reconhecer variáveis de decisão e pesar as alternativas, tendo-se inspirado num estudo de *Appel, Haak & Witzke* (1970) onde estes autores fizeram referência à duração do processo de apoio, dizendo que este devia ser mais curto para o estudante indeciso caracterizado por uma situação específica de ansiedade perante a escolha (**Factor I**), do que para aqueles cuja base para a indecisão se relaciona com a dificuldade para analisar outras opções, dependência e ausência de maturidade (**Factor IV**), ou seja, indecisão generalizada. *Arbeo* redesenhou que poderemos apreciar que numerosos estudos parecem sugerir que não existem diferenças significativas entre os estudantes decididos e os indecisos, e que um número igualmente amplo de estudos encontra diferenças de personalidade entre os sujeitos decididos e indecisos, sendo os estudantes decididos os que saem mais favorecidos. Das citações que os autores fazem entre si, segundo *Arbeo* (1997) estão tecnicamente correctas mas incompletas com as quais se pode fazer distorção do conteúdo do trabalho original, uma vez que observou que alguns dos trabalhos citados são investigações com amostras de milhares de sujeitos, como é o caso do estudo de *Baird* (1969) que apresenta 60.000, e outros não chegam aos 10 sujeitos. Constatou-se também que geralmente se utilizam múltiplas variáveis dependentes mas que o seu tratamento estatístico é muito simples donde faltam análises multivariadas, e em muitas ocasiões se empregam termos muito genéricos que requerem uma diferenciação mais precisa. *Arbeo* concluiu, que parece ser que os primeiros estudos que se fizeram comparando estudantes decididos com os indecisos não proporcionam um corpo de descobrimentos coerentes, e dividem-se em duas posturas em confronto. Uma postura é a que sustenta que não existiam diferenças entre os alunos decididos e os alunos indecisos, e outra, a que mantém que as há, especialmente em diferenças de personalidade que favorecem os alunos decididos. A tensão criada entre estes dois corpos de investigação, aparentemente contraditórios, fora de grande valor para o desenvolvimento da Psicologia Vocacional. Na investigação mais recente tratou-se de descobrir as aparentes incongruências dos estudos anteriores e para isso se trabalhou na conceptualização do termo de “**indecisão vocacional**” e no desenvolvimento de instrumentos psicométricos que possam medir a indecisão vocacional de uma forma apropriada. De facto, a falta de clareza nos resultados das primeiras investigações sobre este tema é muito provável que se deva aos procedimentos de medida utilizados, geralmente muito simples (*Slaney*, 1988). E de acordo com este último autor que estudou estudos anteriores que geraram incongruências o termo “indecisão vocacional” é considerada **complexa**, dado que é fruto da complexidade. Quanto maior é a organização mais complexas são as suas relações interpessoais e mais complexas serão as decisões a tomar. A indecisão vocacional é considerada **vocacional**,

dado que tem a haver com as competências de cada um, e como tal, influenciando a sua carreira académica ou profissional. A indecisão depende de bloqueios. Estes são factores que induzem uma pessoa a renunciar à sua liberdade para decidir e têm de ser identificados e compreendidos antes de poder ser analisada qualquer fase de tomada de decisões e actuam ao nível inconsciente em todos os aspectos da vida, pelo que não aparecem isoladamente e se suportam uns aos outros. Para actuar contra os bloqueios o **diagnóstico** é o mais importante. Eis, por conseguinte uma lista de alguns bloqueios: (1) Perda de contacto com os sentimentos; (2) Resignação: evitar a ansiedade dos possíveis conflitos ou “isolar-se dos problemas para não sofrer; (3) Carência de uma escala de valores ou desconhecimento do que é importante, ou não o é, na própria vida; (4) Falta de confiança ou escasso amor-próprio; (5) Desespero, depressão, e grave ansiedade; (6) Imagem irreal do próprio eu, ou idealização do mesmo; (7) Anulação do próprio eu, inadequada subordinação aos demais e necessidade obsessiva de agradar; (8) Procura obsessiva do aplauso e da supremacia; (9) Síndrome de D. *Pérignon*: perfeccionismo e afã de ter tudo; (10) Crer habitualmente que as coisas melhorarão, anulando o que não existe e depreciar o que existe e viver de ilusões; (11) Nada é comparável ao que só existe na imaginação do sujeito. (Sem embargo, o que só existe na imaginação não existe em absoluto); (12) Temor ao auto desprezo que possa derivar de uma decisão errada; (13) Poderia, queria, deveria: auto desprezo crónico provocado pelas tirânicas exigências que impõem ao eu; (14) Cegueira ante diversas alternativas; (15) Temor e distorção do fluxo temporal: a enganosa crença de que não há tempo suficiente; (16) Critério errado; (18) Falta de integração interna, ou “O Presidente não está”: desorganização grave. Segundo *Arbeo e Rivas*, A indecisão vocacional complexa depende da composição dos grupos vocacionais e do género, existindo grupos de indecisos crónicos, indecisos de desenvolvimento, e sujeitos decididos, que se podem repartir em grupos vocacionais diferenciados como: Humanístico, Psicopedagógico, Económico-social, Bioterápico, Científico – Tecnológico, Artístico, por outro lado, *Arbeo e Rivas* verificaram que os grupos com menos grau de indecisão eram os seguintes: (1) Científico – tecnológico; (2) Económico-social. Em termos de género verificaram que as mulheres eram mais indecisas mas tal diferenciação não era significativa e por isso não constitui importância esta distinção e portanto, segundo estes investigadores, a indecisão vocacional complexa é uma construção referida na tomada de decisões vocacionais que pode ser explicada moderadamente desde as variáveis de personalidade tais como: a. Tendência para a culpabilidade, b. Pouca força do ego e do superego, c. Timidez, d. Ansiedade, e. Dependência. Pudemos constatar algumas problemáticas surgidas noutras investigações nomeadamente a *forma aconselhada para combater as insuficiências da tomada de decisão, ou melhor, a forma como o aluno não deve emitir uma indecisão vocacional*, e ainda as *diferenças entre os alunos em tomar decisões acerca da sua carreira, escolar nomeadamente a escolha da mesma. Haverão diferenças de graus de dificuldade. De personalidade. A forma como os alunos são influenciados. Terão escolhido o curso certo*. Por isso o sujeito deve contrariar a ausência da procura do êxito, a falta de sentido da continuidade no tempo, a falta de confiança, a incapacidade de confrontar-se a si mesmo, e a falta de aspiração.

TRABALHO EMPÍRICO

Escolhemos o nosso trabalho em função de estarmos inseridos no exercício da docência de um Instituto Superior Público e de trabalhar com os estágios dos alunos e a sua inserção na vida activa, pudemos aperceber-mo-nos que, por não terem nenhum apoio psicológico visível e directo, antes e durante o curso, e igualmente fora dele, os alunos tinham um certo receio de iniciar o seu trabalho, embora aparentemente soubessem o que queriam. Isso fez-nos pensar que existiria um problema de indecisão vocacional complexa.

Objectivos

Como *objectivo geral*, pretendemos caracterizar os **factores caracterizadores da indecisão e as fontes da mesma**, de forma a combater as insuficiências da tomada de decisão. Como *objectivos específicos*, procurámos **detectar** as diferenças entre os alunos em tomar decisões acerca da sua carreira escolar, nomeadamente a escolha da mesma, **analisar** e estudar as diferenças de graus de dificuldade e de personalidade para tomar uma decisão, **estudar** a forma como seria influenciada a sua tomada de decisão face às suas perspectivas de carreira, e **averiguámos** se elegeram o curso certo, ou melhor se tomaram a decisão certa para si, e por si, se foram coerentes, se não foram indecisos.

Hipóteses

Formulámos então as seguintes hipóteses: 1. A saída profissional e a perspectiva de carreira influenciam a capacidade de decisão. 2. A relação com a vocação e o apoio decisional são factores que influenciam a escolha do curso. 3. A desmotivação afecta o sujeito a decidir. 4. A sub-rogação e a procrastinação implicam a indecisão. 5. O desenvolvimento de capacidades e a autodisciplina influenciam a escolha dos sujeitos. 6. O conflito interior impede a recolha e a procura de informação para poder decidir. 7. O sujeito escolhe o curso devido a sentir-se auto-confiante e identifica-se com a vocação. 8. A escolha do curso depende da capacidade de decisão, da previsão do êxito, e do desenvolvimento de capacidades do aluno. 9. A experiência de terceiros e o apoio dos amigos, professores e colegas influenciam a tomada de decisão. 10. O apoio dos pais é preponderante na tomada de decisão. 11. A certeza da carreira e a sua perspectiva bem como a procura do êxito determinam a escolha do curso certo.

Amostra

Tomámos em linha de conta uma amostra de cento e doze (112) alunos (válidos apenas 111) de um total de cento e setenta (170), matriculados no Curso de Licenciatura em Gestão dos Recursos Humanos e Comportamento Organizacional do Instituto Politécnico de Tomar, estabelecimento de Ensino Superior localizado na cidade de Tomar em Portugal.

Procedimentos

Aplicámos o questionário de indecisão vocacional complexa (I.V.C.) de Francisco Rivas, e utilizámos o Pacote de *Software* Estatístico para As Ciências Sociais (SPSS), e obviamente trabalhámos as seguintes variáveis:

- A.-Sócio – demográfico e descritivas da população: (1) Sexo, (2) Idade, (3) Situação actual, (4) Posição da opção (escolha do curso).
- B.-Inferenciais de verificação das hipóteses: (1) Saída Profissional, (2) Perspectiva de carreira. (3) Relação com a vocação, (4) Apoio decisional, (5) Posição da opção (escolha do curso). (6) Desmotivação, (7) Capacidade de decisão, (8) Sub-rogação, (9) Procrastinação, (10) Desenvolvimento de capacidades, (11) Autodisciplina, (12) Conflito interior, (13) Recolha da informação, (14) Procura da informação, (15) Autoconfiança, (16) Previsão do êxito, (17) Experiência de terceiros, (18) Apoio dos amigos, (19) Apoio dos pais, (20) Apoio dos professores, (21) Apoio dos colegas.

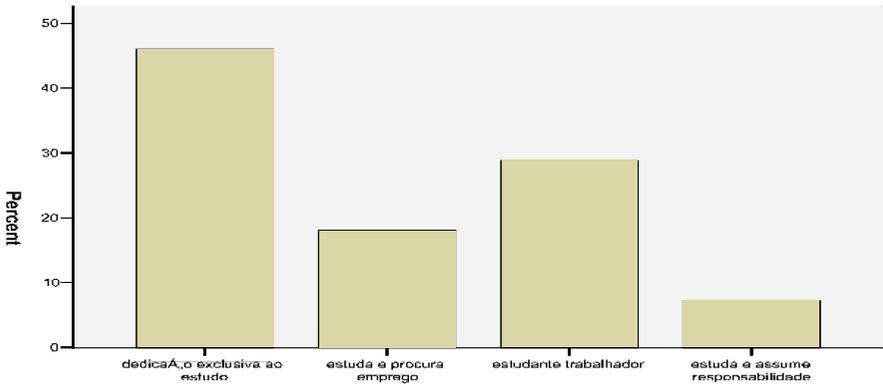
Análise das variáveis sócio-demográficas

Pudemos verificar que, relativamente à variável sexo, que as mulheres constituíam a maioria da população.

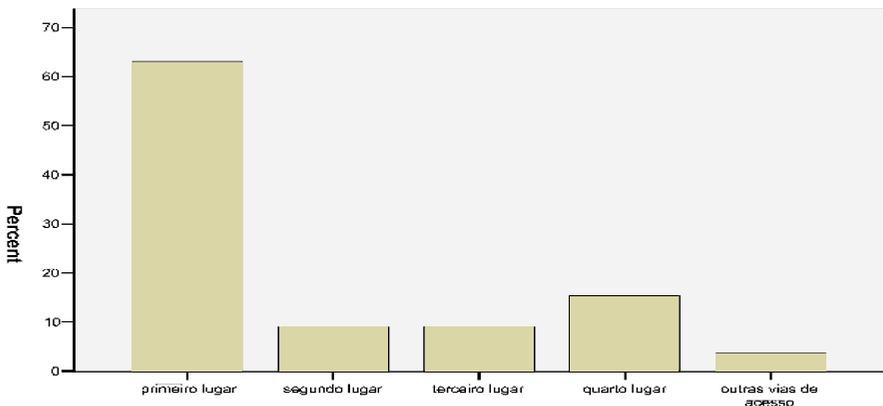
Relativamente à composição etária o maior grupo de estudantes encontrava-se entre os 21 e os 23anos.Como podemos ver a moda situa-se nos 22, 6 anos, e, em conformidade, utilizámos a fórmula de *King*:

$$M_o = li(M_o) + \frac{F_{M_o+1}}{F_{M_o+1} + F_{M_o-1}} \leftarrow u_{M_o}$$

Relativamente à situação actual dos sujeitos, pudemos verificar que a maior parte dedicava-se inteiramente aos estudos:



Relativamente à posição da opção, a maioria dos sujeitos escolheu o curso como primeira opção. Todos os sujeitos do estudo encontravam-se matriculados no curso.



Verificação das hipóteses

Em primeiro lugar procedemos à elaboração de uma matriz correlacional através do “*Coefficiente de correlação de Pearson*”, e em segundo lugar para a análise das variáveis utilizámos uma matriz correlacional mais o “*Qui-Quadrado*”. Verificámos que, relativamente à *saída profissional* e à *perspectiva da carreira*, que esta variável não influencia em nada a escolha da carreira. Provavelmente isto acontece devido aos sujeitos entenderem a trajetória da carreira como algo íntimo e não tanto ligado ao mercado de trabalho ou então não estabelecem ou não sabem estabelecer essa relação. Quanto à *relação com a vocação* e o *apoio decisional como factores que influenciam a escolha do curso*, poderemos verificar, de acordo com *Û de Goodman e Kruskal*” existe uma relação mas fraca, e o “*d de Sommers*” indica que

existe uma relação, mas fraca e negativa. Por isso, dos 65 alunos que escolheram o curso em primeiro lugar, 33 sentem que para tomar decisão necessitam de apoio, e que 32 não necessitam desse apoio uma vez que têm uma boa relação com a vocação. Na variável *apoio decisional* pudemos constatar que dos 65 sujeitos que escolheram o curso em primeiro lugar metade sente necessidade de apoio, e outra metade não sente nenhuma necessidade em ser apoiado.

Relativamente à *desmotivação* e à *capacidade de decisão* do sujeito pudemos constatar que não existe evidência estatística para estabelecer uma relação entre estas duas variáveis. Quanto às variáveis de *sub-rogação* e *procrastinação*, pudemos verificar que os sujeitos não adiam nem subrogam, e como tal, conseguem decidir plenamente.

Quanto ao *desenvolvimento de capacidades e a auto – disciplina influenciarem a escolha* dos sujeitos (alunos), o que se verificou, é que existe um grande número, 84,3%, que se considera com capacidades desenvolvidas e possuidor de auto – disciplina, existindo evidência estatística pelo teste do *Qui-Quadrado*. Relativamente à hipótese do *conflito interior impedir a recolha e a procura de informação para poder decidir*, verificámos que os alunos recolhem a informação, mas acima de tudo procuram, como é o caso de 77 alunos. Outro grupo de 30 alunos acima de tudo recolhem a informação e igualmente procuram. Não evidenciam qualquer conflito interior. Sobre a *autoconfiança e a relação com a vocação*, verificou-se que metade dos sujeitos 49,1% apresentam autoconfiança e relação com a vocação, ou seja, metade dos alunos sendo auto-confiantes relacionam-se mais com a sua vocação.

No que respeita à *escolha do curso derivada da capacidade de decisão*, da previsão do êxito, e do desenvolvimento de capacidade dos sujeitos, verificou-se, nos que escolheram o curso em primeiro lugar, 40,4%, correspondiam igual em todas as variáveis pelo que a escolha do curso deriva dessas características, enquanto que em 20, 2% dos alunos que escolheram o curso em primeiro lugar o desenvolvimento de capacidades e a previsão do êxito favoreceram a escolha do curso mas a sua capacidade de decisão não foi um factor de influência. Relativamente à *experiência de terceiros e ao apoio dos amigos, professores, e colegas, na influência dos sujeitos para a tomada de decisão*, verificámos que todos os sujeitos não dependiam destas entidades para tomar decisões, apresentando contrário em todas elas. Evidenciavam, por conseguinte autonomia na tomada de decisão. Quanto ao *apoio dos pais ser preponderante na tomada de decisão*, verificou-se que a capacidade de decisão dos alunos depende do apoio económico dos pais, em vez do apoio moral, do amor, ou do afecto, gerados pelos mesmos em relação aos seus protegidos. Relativamente à *certeza da carreira e sua perspectiva, e a procura do êxito como determinantes do curso certo*, verificou-se que grande parte dos sujeitos, 43 em 107, ou seja 40,2%, achavam que a carreira é contrária à sua perspectiva mas igual à sua certeza acerca da mesma, enquanto que 34 alunos em 107, ou seja, 32%, encaram a certeza da carreira e a procura do êxito como

determinantes do curso certo. Julgamos aqui, que no caso do primeiro grupo de alunos desta hipótese, existe uma certa confusão acerca da percepção pessoal da carreira ou então ignoram essa mesma percepção

CONCLUSÕES

Confirmaram-se os estudos que se têm vindo a efectuar acerca da indecisão vocacional e da sua complexidade, nomeadamente os estudos de *Arbeo* e de *Rivas*, (1997) mais uma vez, denotando que pertencendo a uma área económica e social, como é o caso da Gestão dos Recursos Humanos e Comportamento Organizacional, são os mais decididos. Por curiosidade e devido ao número dentro do grupo de estudo as mulheres são mais decididas, tal como *Holland & Holland* (1977) mostraram na referência que fizemos anteriormente ao trabalho destes autores, mas não existem obviamente diferenças significativas entre os sexos. Observámos que 66% dos alunos apresentava uma *situação vocacional baixa* (corresponde a uma capacidade de decisão elevada no questionário IVC) e como tal, o seu trabalho é executado com maturidade, podendo avançar autonomamente, característica detectada nas hipóteses, sem problemas na sua vida escolar e profissional, encontrando-se numa boa situação para tomar decisões com responsabilidade. Por outro lado, 34% dos alunos apresentava uma indecisão vocacional média, pelo que se verifica alguma ambiguidade e algum temor acerca da tomada de decisões, de certo porém, sem gravidade. Não se observaram problemas generalizados e graves de indecisão nos alunos, pelo que não existe uma indecisão vocacional alta. Por conseguinte, os alunos omitem totalmente a indecisão vocacional complexa se forem autónomos, auto-confiantes, auto-disciplinados, e aprenderem a desenvolver capacidades, efectivamente um dos objectivos e cerne do trabalho que o curso de licenciatura onde estão tem desenvolvido ao longo do tempo, e a prever o seu êxito. *A situação vocacional dos alunos é muito positiva*, e poderíamos reforçar este trabalho se pudéssemos acrescentar os dados obtidos *a posteriori* nas situações de estágio e de emprego dos alunos neste momento, uma vez que foram esses os sujeitos passivos sobre os quais recaiu anteriormente este trabalho. Como *factores caracterizadores da indecisão* foram detectados nos dados mais dispersos, falta de apoio, nomeadamente apoio económico dos pais, alguma falta de reconhecimento de capacidade, autoconfiança restrita, alguma ausência de perspectiva, e falta de percepção do que significa a carreira ou seja, o provável não estabelecimento da ligação entre a carreira e o mercado de trabalho e sim apenas a ligação à perspectiva de certeza e êxito pessoais. Como *fontes da indecisão* dos factores encontrados pudemos verificar que o apoio económico dos pais deriva de eventuais situações de emprego, carestia de vida dada a situação actual de Portugal, ou seja, não terem dinheiro. Por outro lado, a falta de auto confiança deriva obviamente da hesitação ou do medo de não ser capaz, da ausência da autoconfiança, e igualmente da inibição da capacidade de decisão. Por fim os problemas de percepção derivados provavelmente de uma elevada auto-estima. *A carreira escolar* dos alunos não apresenta diferenças significativas

entre esta e as suas decisões pessoais. Os *graus de dificuldade* dos alunos prendem-se com as fontes de indecisão detectadas nomeadamente o apoio económico dos pais e os problemas perceptivos. Quanto às *diferenças de personalidade*, estas não têm um peso significativo pois não existem praticamente. Uns fazem opções diferentes de outros mas decidem por si, autonomamente. A tomada de decisão dos alunos é influenciada pela autonomia do sujeito, pelo apoio, por auto-motivação, e principalmente pela auto-confiança nas capacidades desenvolvidas e na auto-disciplina, não se registando conflitos interiores, e pela previsão que fazem do seu próprio êxito. Quanto à *eleição do curso*, poderemos dizer que elegeram o curso certo, vg. o resultado da situação perante o IVC. Resumindo, os alunos observados neste trabalho correspondem às expectativas geradas pelos objectivos gerais e específicos da investigação desta temática.

PROPOSTAS DE MELHORIA DE FUTURO

Face ao exposto anteriormente não queríamos deixar de fazer uma autocrítica, e pensámos deixar em aberto as seguintes janelas: Como nos cingimos somente a um curso superior sugerimos a extensão do mesmo trabalho a outros cursos nomeadamente noutras áreas e em outros estabelecimentos de ensino superior, uma vez que têm sido pouco, ou quase nada, estudados em Portugal. Por outro lado, sugerimos que se procure explorar esta temática no mundo empresarial, nomeadamente no que diz respeito à estratégia e à condução de reuniões, dado que, para além de se retirarem provavelmente dados inéditos e interessantes, poderão surgir instrumentos de grande utilidade para gerar aumentos de produtividade nas organizações. Procuramos apontar dados decisoriais relacionados com a percepção, uma vez que são escassos os estudos nesse sentido, e por fim, sugerimos a entrada deste tipo de estudo no campo das emoções, nomeadamente ao correlacionar tipos de decisão com factores emocionais específicos. Resumindo, pensamos que, com o acréscimo de dados ou de temas estudados sobre esta temática da indecisão, as pessoas poderão decidir cada vez melhor e gerir com mais qualidade as suas vidas pessoal e profissional.

BIBLIOGRAFIA

- Apple, Haak, & Witzke, (1970), “Indecision in Career Students”, *Ohio State University Press*, p. 65, from).
- Arbeo, Blanca Gómez & Rivas, Francisco, (1997) “*Caracterización psicológica y Operacionalización de la Indecisión Vocacional Compleja*”, *Revista IberPsicologia*, 2.2 7, Universitat de Valencia.
- Arbeo, Blanca Gómez (1992). “*Indecisión Vocacional Compleja: Constructo psicológico de la conducta vocacional en estudiantes de secundaria.*” *Colección Tesis Doctorales Microfitxa*. Universitat de Valencia. N.º De ISBN 84-370-1066-7.

- Arbeo, Blanca Gómez, (1993). "Caracterización de los grupos vocacionales en función de los rasgos de personalidad medidos con el 16PF-A". *Información psicológica* n.º 53, pp.64-65.
- Arbeo, Blanca Gómez, (1993). "Relación existente entre la Indecisión Vocacional Compleja y el genero en estudiantes de Secundaria." *Información Psicológica* n.º 53, pp. 64-65.
- Astin, A. W. (1977). "Four critical years". San Francisco: Jossey Bass.
- Baird, L.L. (1968). "The Indecision Scale: A reinterpretation". *Journal of Counselling Psychology*, 15 (2), pp.174-179.
- Beutell, N. J., & O'Hare, M. M. (1987). Coping with role conflict among returning students: Professional versus non-professional women. *Journal of College Student Personnel*, 28 (2), 141-145.
- Cali, P. M. (1988). "The relationship between irrational belief and vocational indecisiveness" *Dissertation Abstracts International*, Vol. 49, 5-B, 1980.
- Foote, B. (1980). "Determined and undetermined major students: How different are they?" *Journal of College Student Personnel*, 21, pp. 29-34.
- Hecklinger, F.J. (1972). "The undecided student: Is he less satisfied with college?" *Journal of College Student Personnel*, 13.
- Lunneborg, P.W. (1976): "Vocational indecision in college". *Journal of Vocational Behaviour*, 7.
- Orlofsky, J. L. (1978): "Identity formation, achievement and fear of success in college men and women." *Journal of Youth and Adolescence*, 7, pp. 49-62.
- Rivas, F (1999). "Asesoría universitaria de estudiantes con discapacidad". En F. Rivas, F. & M^a.L. López (Eds.) (1995). "Asesoramiento vocacional de estudiantes con minusvalías físicas y sensoriales". Valencia: Universidad de Valencia. (pp. 15-219).
- Rivas, F. (1990). "La elección de estudios universitarios." Madrid. Consejo de Universidades, Secretaría General.
- Rivas, F. (1990). "Motivación y expectativas de logro". Morata: Madrid.
- Rivas, F. (1993). "Psicología Vocacional: Enfoques del asesoramiento", Segunda edición, Morata: Madrid.
- Rivas, F. (1995). "Metodología e investigación en Psicología y asesoramiento vocacional". En F. Rivas (Ed.), *Manual de Asesoramiento y Orientación Vocacional*, Madrid: Síntesis Psicología. (pp.91-115).
- Rocabert, E., Martínez, J.R. & Rivas, F. (1988). "Desarrollo Vocacional en la adolescencia: Intereses y preferencias". Generalitat Valenciana. Conselleria de Cultura, Educación Y Ciencia. Valencia.

- Rubin, Theodore Isaac (1986). *“Supere La Indecisión – Métodos operativos para decidir con eficacia”*, Ediciones Grijalbo, S.A., Barcelona.
- Slaney, R. B., Stafford, M.J. & Russell, J.E.A. (1981), *“Career indecision in adult women: A comparative and descriptive study”*. *Journal of Vocational Behaviour*, 19, 3, pp.335-345.
- Slaney, R. B. (1988): *“The assessment of career decision making”*. In W.B. Walsh & S. H. Osipow (Eds.): *Career decision making*, Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Taylor, K.M. & Betz, N.E. (1983). *“Applications of self efficacy theory to the understanding and treatment of career indecision”*. *Journal of Vocational Behaviour*, 22 (1), 63-81.
- Williamson, E. (1937). *“Scholastic motivation and the choice of a vocation”*. *School & society*, 46, pp.353-359.
- Williamson, E. (1939). *“How to counsel students”*. New-York: McGraw-Hill.